

Fragments of a style: themes of Brazilian political-social thought on the right in the context of 1930

Fragments of a style: themes of Brazilian political-social thought on the right in the context of the 1930s

Gustavo GABALDO GRAMA DE BARROS SILVA*

Resumo: O presente artigo almeja explorar o contexto intelectual do pensamento político-social brasileiro da década de 1930, sobretudo, aquele situado à direita do espectro ideológico. Desse modo, são explorados alguns temas, argumentos, referências teóricas, tomadas de posição e críticas recorrentes que constituem um estilo de pensamento característico daquele período sócio-histórico. Por conseguinte, noções como crise, nacionalismo, geração, elite, desordem, recristinização, revolução espiritual e pessimismo aparecem, então, como motivos amplamente compartilhados por autores conservadores, reacionários, fascistas, integralistas e católicos no contexto de 30, compondo um amplo quadro normativo e teórico da época. Assim, a despeito das múltiplas nuances e ambiguidades internas aos portadores do “estilo de 30”, aqueles temas apresentam grande importância tanto para a compreensão de toda uma geração das direitas brasileiras quanto para a reconstrução de um capítulo fecundo de nosso pensamento político-social.

Palavras-chave: Década de 1930; Direitas brasileiras; Contexto intelectual; Pensamento político-social brasileiro.

Abstract: This article aims to explore the intellectual context of Brazilian political and social thought in the 1930s, especially that situated on the right of the ideological spectrum. In this way, some recurring themes, arguments, theoretical references, positions and criticisms that constitute a style of thinking characteristic of that socio-historical period are explored. Therefore, notions such as crisis, nationalism, generation, elite, disorder, recristinization, spiritual revolution and pessimism appear, then, as motives widely shared by conservative, reactionary, fascist, integralist and catholic authors in the context of 30, composing a broad theoretical and normative framework of that time. Thus, despite the multiple nuances and ambiguities internal to the bearers of the “30s style”, those themes are of great importance both for the understanding of an entire generation of the Brazilian right wing and for the reconstruction of a fruitful chapter of our political and social thought.

Keywords: 1930s; Brazilian right wing; Intellectual context; Brazilian political-social thought.

Recibido: 24 de agosto de 2023 Aceptado: 05 de diciembre de 2023

* Brasileiro. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), gustavograma97@gmail.com. ORCID: 0000-0003-0540-9457.

Introdução

- Nossos problemas são outros. (...)
- E não será o P.R.P. nem os liberais que o resolverão.
- Será o comunismo? – perguntou Lentier desdenhoso.
- O fascismo? – indagou o velho Vivacqua.
- Quem sabe? Quem poderá dizer que coisa falta ao Brasil? Quem adivinhará que ausência o mundo moderno deplora? A civilização nos deu tudo, todos os aperfeiçoamentos e confortos. Mas parece que nos levou alguma coisa... (Salgado, 1981, p. 98-99).

Em uma das passagens de “Para uma menina com uma flor”, Vinícius de Moraes (2009, pp. 136-137) rememora seus anos de juventude no Rio de Janeiro da década de 1930 nos seguintes termos: “Nós éramos todos ‘de direita’. Torcíamos pela vitória do fascismo e líamos Nietzsche como quem vai morrer. ‘Escreve com teu sangue, e verás que teu sangue é espírito!’ Ah, como amávamos essa palavra sangue... Ah, que conteúdo tinha para nós essa palavra espírito...”. Num primeiro momento, pode parecer estranho esse Vinícius jactante do *fascio*, nietzschiano e portador do espírito, bastante distinto do poeta de quem lembramos, autor de “Poemas, sonetos e baladas” e “Para viver um grande amor”.

No entanto, um olhar mais detido sobre as circunstâncias histórico-ideológicas de 30 pode fornecer algumas chaves para a compreensão daquelas palavras de Moraes. Com algum esforço, pode-se até mesmo aceitar que seu relato retrata com alguma fidelidade o espírito daqueles tempos conturbados. Ora, como nos assegura Antônio Cândido (1984, p. 27), “Quem viveu nos anos 30 sabe qual foi a atmosfera de fervor que os caracterizou no plano da cultura, sem falar de outros”.

E, de fato, a impressão que se têm, atualmente, do decênio 1930 – tanto no cenário nacional quanto internacional – é de uma era de conflitos intensos e agitações, marcada por uma profunda sensação de crise, sentida nos campos econômico, militar, artístico, espiritual e político. Anos de extremismos, portanto.

De acordo com Hans Ulrich Gumbrecht (2013, p. 21), aquele período do Entreguerras

foi experienciado como um momento de profunda depressão, e não só pelos intelectuais (...). Fotos e cinejornais mostravam que o mundo pareceu ter envelhecido décadas em apenas quatro anos. A busca frenética por um fundamento sobre o qual uma nova vida pudesse ser construída (...) agitou todos os grupos sociais após 1918.

Soma-se ao indelével trauma da Primeira Guerra Mundial a grande depressão causada pelo *crash* da bolsa em 1929 – com suas avassaladoras consequências globais – e pode-se ter alguma dimensão daquela “atmosfera de fervor” de que falava nosso eminente crítico literário. Diante de um mundo em ruínas era a ordem-do-dia “repensar a existência humana” e, em reação, “novas ideologias – comunismo e fascismo, sobretudo – entraram na esfera pública, prometendo definir, alegadamente com ‘novos valores’, o sentido da vida e da perda para indivíduos e coletividades” (Gumbrecht, 2013, p. 22).

Consequentemente, ainda que gestado social e politicamente nos anos anteriores, o “decênio de 30 é marcado, no mundo inteiro, por um recrudescimento da luta ideológica: fascismo, nazismo, comunismo, socialismo e liberalismo medem suas forças em disputa ativa” (Lafetá, 2000, p. 28). O Brasil, sentindo as ondulações dos críticos eventos internacionais, respondeu, à sua maneira, com a “Radicalização do gosto e também das idéias políticas, divulgação do marxismo, aparecimento do fascismo, renascimento católico”

(Cândido, 1981, p. 107).

Liberalismo, socialismo, fascismo, integralismo e catolicismo compõem, então, o abrasador – poder-se-ia dizer, tropical? – cenário de 1930 no Brasil¹, buscando todos, desesperadamente, tanto conferir sentido para nosso passado quanto fornecer caminhos para o futuro. Por mais que seja um fenômeno correlacionado, como já se viu, a um contexto histórico mais amplo, é frutífero compreender algumas soluções brasileiras de 30 para as aporias de toda uma época.

Desse modo, a grande questão do presente artigo é mapear algumas coordenadas intelectuais e ideológicas do que pode ser considerado certo “estilo de 30”² no pensamento político-social brasileiro, sobretudo, em suas vertentes situadas à direita do espectro ideológico. Especificamente, de grupos que, diante da crise nacional e mundial do Entreguerras, negavam tanto a saída liberal-democrática quanto a revolução marxista. Uma terceira via, para além do capitalismo e adiante do socialismo; nem pela classe burguesa, nem pelo proletariado, é o que agrega – a despeito de suas inúmeras distinções – estas perspectivas sob a mesma rubrica.

Além disso, de um ponto de vista teórico-metodológico, cabem duas observações adicionais. Em primeiro lugar, trata-se de uma investigação de caráter “contextualista”, na medida em que visa captar os temas comuns – ou os motivos – de um cenário intelectual específico. Logo, entende-se, aqui, “contexto intelectual” como o

contexto das obras anteriores e dos axiomas herdados a propósito da sociedade política, bem como o contexto das contribuições mais efêmeras da mesma época ao pensamento social e político. Pois é evidente que a natureza e os limites do vocabulário normativo disponível em qualquer época dada também contribuirão para determinar as vias pelas quais certas questões em particular virão a ser identificadas e discutidas (Skinner, 1999, pp. 10-11).

Evidentemente, como em toda pesquisa, a escolha deste caminho interpretativo desdobra-se em limites e avanços para as conclusões alcançadas. Por um lado, é certo que uma perspectiva contextualista pode reduzir os significados e validade cognitiva de “textos clássicos” às circunstâncias sócio-temporais de sua produção, impedindo a retomada das questões tratadas “historicamente” a partir das demandas “próprias do (nosso) presente” (Botelho, 2010, p. 63). Por outro, como sugere novamente Botelho (2010, p. 63), uma abordagem analítica sobre contextos intelectuais também pode funcionar como um “mecanismo de controle do risco de anacronismo envolvido na aproximação de preocupações atuais na compreensão dos textos mais antigos”.

Assim, o enfoque acerca da natureza e limites de um vocabulário normativo epocal sobre o qual reflete Skinner (1999) – aplicado, neste caso, ao pensamento político-social brasileiro de 1930 situado ideologicamente “à direita” – permite avaliar tanto o léxico de um grupo de intelectuais quanto o horizonte político que lhes é oferecido historicamente. Menos uma redução do *homo politicus* ao *homo historicus*, tem-se aqui, simplesmente, um procedimento hermenêutico que busca correlacionar linguagens

¹ Ainda que se tome como referência para o presente artigo a década de 1930, cabe reconhecer que parte significativa desse “recrudescimento da luta ideológica” de que fala João Luiz Lafetá teve, no Brasil, raízes nos anos 1920. Ora, como lembra Helgio Trindade (1974, p. 15), é em 1922 que se funda o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o centro Dom Vital, instituição central para a “reação católica brasileira”. E é Edgard Carone (1973, p. 288) quem ensina que os primeiros movimentos fascistas no país, ainda que de vida efêmera, datam também de 1922.

² Entende-se aqui “estilo” no sentido de “estilo de pensamento” segundo o programa teórico de Mannheim (1986), voltado para a compreensão das formas pelas quais certos grupos sociais, situados em um momento histórico particular, mobilizam determinados conceitos, formas de expressão, padrões e categorias de pensamento, que, em última instância, significam um modelo de abordagem do mundo.

políticas ao seu contexto diacrônico de elaboração que, por sua vez, é modificado profundamente por aquelas mesmas linguagens.

Em segundo plano, não se almeja aqui uma taxonomia rígida das ideologias políticas características do contexto brasileiro de 1930, cuja classificação sistemática possibilitaria o estabelecimento de fronteiras estanques entre conservadorismo, reacionarismo, integralismo, autoritarismo, fascismo e “reação católica”. Em oposição, busca-se observar o campo ideológico da direita através de um procedimento investigativo que Richard Shorten (2022, p. XI) denomina como o “jogo criativo envolvendo expansão e contração”³. Neste sentido, tenciona-se “imaginativamente expandir o terreno ideológico entre a extrema direita e a centro direita, de modo que traços outrora não identificados apareçam à vista” (Shorten, 2022, p. XI).

Portanto, de um lado, a perspectiva contextualista permite delimitar o léxico típico do pensamento político-social brasileiro “à direita” nas circunstâncias de 30; de outro, o mecanismo de expansão/contração do “terreno ideológico” garante a percepção das sobreposições, ascendências e interconexões daquele contexto intelectual. Por conseguinte, esta abordagem se justifica precisamente porque o “espírito de 30” – e bem verdade, todos os fenômenos sociais e ideológicos – é marcado por uma série de ambiguidades e contradições nas tomadas de posição, de modo que nem sempre é possível estabelecer inequivocadamente as filiações dos autores e obras a determinada “(sub)linhagem de pensamento”⁴.

Em suma, trata-se de analisar de que modo uma série de representantes daquele espírito – de um jovem Vinícius de Moraes, passando por Otávio de Faria e Plínio Salgado, até Gilberto Amado – posicionavam-se diante da profunda crise de sua época. Conjuntamente negando o liberalismo e o socialismo, estes agentes do campo intelectual mobilizaram um arcabouço comum de temas, argumentos, conceitos, referências e motivos em *ostinato* para compor uma melodia típica do decênio de 1930, formando, assim, um capítulo significativo tanto da história do pensamento político-social brasileiro quanto das próprias direitas de nosso país.

O pensamento político-social brasileiro à direita no contexto de 1930: fragmentos de um estilo

Para uma reconstrução dos temas constituintes do pensamento político-social brasileiro ideologicamente situado à direita ao longo da década de 1930 – cenário este tão bem sintetizado por aquelas poucas linhas de Vinícius de Moraes – mostra-se necessário, inicialmente, uma apresentação de seus adversários intelectuais. Assim, ainda que este primeiro passo possa correr o risco de esquematismo, talvez seja esta uma boa maneira de se aproximar de um contexto intelectual complexo.

Desse modo, segundo a ótica de nossos intelectuais conservadores, reacionários, integralistas, católicos ou fascistas, o país encontrava-se dividido entre duas alternativas mais ou menos distintas e igualmente detestáveis. De um lado, o liberalismo, representante por excelência do individualismo iluminista, motor da tragédia que fora a Revolução Francesa de 1789, responsável pelas misérias da “questão social”, cujo otimismo fundado na força da razão e do debate democrático ainda gerava grandes esperanças no progresso material e espiritual de toda a humanidade. Em última instância, para vários dos

³ Ainda que Shorten (2022) mobilize tal procedimento tendo em vista a investigação retórica do reacionarismo, trata-se de uma disposição útil e criativa para uma abordagem analítica sobre as direitas políticas.

⁴ Como sugere Gildo Marçal Brandão (2005, p. 241), “Nem todos os ‘pensadores político-sociais’ se enquadram nesta ou naquela linhagem, em vários convivem almas contrapostas e nem sempre a proclamada é a real”.

autores de 30, a teoria liberal-democrática se tratava de um paradigma com um quê de inocência e ingenuidade, simples sistema abstrato e estrangeiro de ideias, pelo qual o particularismo de classe da burguesia, seu egoísmo e cosmopolitismo se tornavam regras universais de organização do mundo.

No caso brasileiro, esta crítica ao liberalismo ainda tinha seu corolário em uma crítica tenaz à Primeira República. Interpretada como a época da implantação das ideias liberais no Brasil, aquele período histórico foi comumente visto como um tempo de desorganização social, no qual as instituições oligárquicas atestavam a inaplicabilidade do liberalismo no contexto brasileiro, a constituição de 1891 era vista como uma cópia absurda das leis norte-americanas, o “bacharelismo” e o “ruibarbosismo” eram taxados de mero farisaísmo burguês e a República representava apenas o triunfo dos interesses privados e particularistas, assim como a dissolução de laços comunitários tradicionais. Como sugere Cassimiro (2018), era uma espécie de senso comum intelectual da época o reconhecimento da falência das instituições liberais-oligárquicas da “República Velha” para produzir modernização e para lidar com os problemas crescentes da expansão na demanda por participação e o reconhecimento da nação como realidade política essencial.

Resumidamente, aqueles intelectuais desconfiavam dos prognósticos demasiadamente positivos do liberalismo, bem como das profundas certezas que os liberais depositavam no racionalismo, na democracia e no próprio capitalismo moderno. Tudo isto posto, pode-se compreender melhor o sentido de uma sentença memorável de Gilberto Amado (1979, p. 43) pronunciada naquele contexto: “não há mais lugar no mundo para os liberais”. De fato, como celebrar o triunfo da razão humana e da ideologia liberal após os desastres da Primeira Guerra Mundial, do *crash* de 1929 e das crescentes crises da Primeira República brasileira? Contra o “excesso de liberdade e espírito de autodivinização” do liberalismo moderno, que no fim apenas significavam uma forma de niilismo (Lima, 1969), aquela geração de 30 manteve uma posição profundamente antiliberal (Mata, 2016, p. 87).

De outro lado, nossos intelectuais defrontavam-se com a força do socialismo, sobretudo, em sua faceta marxista. Segundo as interpretações comuns de 1930, o comunismo não era mais que outra força desestabilizadora típica do mundo moderno: via na razão o único caminho para a emancipação do gênero humano, cuja fé na inevitável revolução operária tingia o mundo com algum traço de otimismo quanto ao futuro. Assim, coletivismo, ateísmo, internacionalismo, materialismo, igualitarismo democrático e gestão política particularista do proletariado eram as chaves pelas quais o marxismo era lido por aquela geração de intelectuais.

Soma-se a isso o caráter inevitavelmente abstrato, universal e estrangeiro da teoria e *práxis* marxista para se formar uma perspectiva anticomunista largamente compartilhada por aqueles autores. Em oposição à “omnipotência do Estado [socialista] (...) e em que a soberania absoluta deste se desloca para uma determinada classe social e volta a fundar-se confessadamente no predomínio da força” como sugere Tristão de Athayde (1932, p. 76); e contra “seu carácter democrático que, nesse ponto, vicia o socialismo (...) [e seu] desconhecimento da verdadeira natureza humana, que se reflete no seu invencível postulado otimista” segundo os termos de Otávio de Faria (1933, pp. 9-11), insurge, novamente, o espírito de 30.

Bem verdade, liberalismo e marxismo representavam para aquela geração de 30 duas faces de uma mesma moeda: compartilhavam entre si certo otimismo diante do futuro, professavam um mesmo cosmopolitismo/internacionalismo, detinham grande fé na razão, propugnavam a destruição da fé, defendiam – cada uma à sua maneira – a preponderância política de apenas uma classe, eram ambas teorias estrangeiras e materialistas do homem e da sociedade, elaboradas em termos pretensamente universais. No fim, muitos viam o comunismo como a fase superior do capitalismo, a consequência lógica da democracia liberal, apenas a face coletivista dos mesmos axiomas materialistas (Velloso, 1978, pp. 157-158).

Ainda que reconhecidos seus acertos – a defesa da propriedade privada pelo liberalismo e a luta pela

justiça social pelo socialismo, por exemplo – os pecados de ambos os paradigmas eram muito gritantes, óbvios demais, para que aquela geração visse em seus caminhos um destino desejável tanto para o Brasil quanto para a própria humanidade. Antiliberais e anticomunistas, estes eram os pesados fardos que os intelectuais brasileiros daquele contexto precisavam carregar em sua luta para compreender o passado do país, oferecer alternativas para seu presente e entrever alguma possibilidade de futuro.

Logo, é neste contexto que se torna possível uma breve reconstrução dos temas, argumentos e posições mais ou menos comuns entre os representantes do pensamento político-social brasileiro situado à direita na década de 1930. Desse modo, mesmo que inúmeras distinções possam também ser verificadas entre aqueles autores, é possível notar motivos que compõem seu estilo de reflexão. No caso em questão pode-se falar em estilo de pensamento dos anos 30, como sugere Lúcia Lippi Oliveira (1980, p. 26), ou, nos termos de Antônio Cândido (1984, p. 35), no espírito dos anos 30.

Assim, de acordo com Oliveira (1980), o decênio em questão é marcado por três motivos estilísticos recorrentes: crise; geração e elite; liberalismo e democracia. Consequentemente, cada um destes temas estabelece alguns dos fundamentos teórico-conceituais da época, oferecendo também um eloquente retrato daquele contexto intelectual.

Em relação ao primeiro, destaca-se a incontornável sensação, já sugerida anteriormente, de crise da modernidade. Por um lado, sentia-se o trauma da primeira grande guerra, a instabilidade engendrada pela crise financeira de 1929 e as crescentes revoluções – fascistas ou socialistas – ao redor do mundo. De outro, a República Velha esgotava suas possibilidades de consolidação, à medida que a ascensão do “varguismo” e a revolução constitucionalista de 1932 evidenciavam os limites do republicanismo liberal-democrático brasileiro.

Neste sentido, Oliveira (1980, p. 41) indica como o diagnóstico mais ou menos generalizado de que as elites nacionais se encontravam profundamente distanciadas da realidade brasileira por conta de suas persistentes imitações de fórmulas estrangeiras é parte fundamental daquela sensação. Dessa forma, a mal-acabada mimese brasileira de costumes culturais e sistemas teóricos franceses, formas jurídicas e instituições políticas norte-americanas, atestaria os baixos índices de identificação do Estado nacional com as autênticas forças sociais do país.

Diante de uma situação marcada pela falta de coesão, consciência nacional e solidariedade, a saída passaria pelo conhecimento efetivo da terra e do povo brasileiros, bem como a formação de um Estado capaz de atender aos interesses gerais da nação, acima das ambições particularistas das classes, clãs e oligarquias. Segundo fórmula sintética de Agamenon Magalhães, urge a criação de um “Estado brasileiro, estruturado em economia própria, sem deturpações nem mistificações doutrinárias, dentro da nossa cultura, do nosso meio geográfico, da nossa realidade” (Oliveira, 1980, p. 41).

O verso de Manuel Bandeira (2001, pp. 78-79) em “Evocação do Recife”, escrito a pedido de Gilberto Freyre e publicado em 1930, ressalta tonalidades semelhantes:

Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada.

Contra as fórmulas universais e estrangeiras, contra a imitação a que se refere Bandeira, o nacionalismo ressoa como resposta possível à crise brasileira. É claro, esta questão complexa guarda substâncias polissêmicas e ambivalentes, cobertas sob o manto da nação. Como sugere Lúcia Lippi Oliveira (1980, p.

43), “este é um tema que une nossos autores, mas também os separa, divide, já que seu conteúdo se modifica em diferentes propostas intelectuais”.

Por conseguinte, através deste diagnóstico generalizado de crise, cujo corolário é o reconhecimento da ausência de “consciência nacional” entre os membros da *intelligentsia* brasileira, surge o segundo tema típico do espírito de 30: geração e elite. Ora, se os bacharéis da República Velha, versados nos clássicos franceses e em jurisprudência anglo-saxã, desconheciam a realidade do país, oferecendo soluções estrangeiras – democracia, republicanismo e liberalismo – aos problemas nacionais, restava à elite intelectual da geração de 1930 traçar novos caminhos para o futuro do país.

Interpretando seu presente histórico como um momento de incontornável gravidade, distintos representantes da “nova geração” buscavam diferenciar-se de seus antecessores a partir de novos valores. Assim, era ordem do dia formar uma jovem elite abnegada, dotada de uma efetiva consciência de nacionalidade, capaz de elaborar ideias adequadas à realidade brasileira e atuar diretamente sobre a prática política do país. Essa geração herdeira direta de Alberto Torres, o “apóstolo do realismo no Brasil” – segundo os termos elegíacos de Cândido Mota Filho – seria aquela capaz de combater a debilidade de nossas elites anteriores, sua ausência de circulação e sua fuga diante da nação, bem como o despreparo e ignorância de nossas massas.

De acordo com Lúcia Lippi Oliveira (1980, p. 40), surge assim a autorrepresentação da jovem geração de intérpretes político-sociais dos anos 30, elite esta que

se deverá compor de homens de cultura e ciência, capazes de exercer um domínio “natural” sobre a massa. Aparece a ideia de “civilizar por cima”, encontrada tanto em autores próximos do movimento de renovação católica, quanto nos intelectuais ligados ao movimento integralista.

Por último, resta um *motif* identificado pela análise de Oliveira (1980): as tomadas de posição críticas diante da democracia e do liberalismo pelos representantes do espírito de 30. Como já visto, estas duas ideologias – aplicadas no Brasil ao longo de toda a Primeira República – são alvos de avaliações fundamentalmente negativas, interpretadas como antropologias filosóficas inocentes e otimistas, responsáveis pela moderna crise de autoridade, da atrofiação do Estado, do federalismo tornado oligarquia e do homem transformado em máquina produtiva. Aqui, todos estes movimentos culminam nas mesmas conclusões, a saber, a falsidade dos axiomas liberais, seu caráter meramente formal e sua inadequação à realidade brasileira. Ideias fora do lugar, portanto.

Para além desta tríade de temas constituintes do estilo de pensamento típico da intelectualidade brasileira de 30, Lúcia Lippi Oliveira, em outra ocasião, destacou motivos complementares para a reconstrução daquele contexto histórico. Em seu estudo sobre o primeiro romance de Jorge Amado, “País do Carnaval”, publicado pela editora Schmidt em 1931, destacou como

seus temas são os temas de seu tempo. A questão das gerações, a formação de grupos, a dúvida, a crise do indivíduo e sua relação com a crise do Brasil, a conversão para uma posição espiritualista de tipo não-engajado ou para uma mobilização participante no movimento católico, integralista ou comunista são os impasses vivenciados pelos intelectuais do romance e pelos membros da elite letrada do pós-30 (Oliveira, 1982b, p. 148).

E, de fato, o primeiro romance de Amado guardava muitas aproximações e ambivalências com aquele

pensamento político-social situado ideologicamente à direita⁵: era uma literatura que, herdeira de nosso modernismo, buscava raízes nacionais para a criação ficcional, mantendo uma profunda desilusão diante do sistema liberal, democrático e burguês, bem como frente a seu cabedal de representações nacionais – o bacharelismo, o patriotismo de fachada e o sistema republicano-oligárquico (Oliveira, 1982b, p. 151).

A estes fragmentos poder-se-iam acrescentar vários outros. Cassimiro (2018), por exemplo, sugere que as reincidentes alusões à “desordem nacional” são parte fundamental do pensamento político-social de 30. Logo, a rica seleção de textos da época feita pelo autor sugere a permanente preocupação daqueles intelectuais com a desorganização do país e, eloquentemente, acabam por dialogar com aqueles temas explorados por Lúcia Lippi Oliveira: a necessidade de construção de uma consciência nacional, a ruptura com a importação de paradigmas estrangeiros, a crítica persistente ao liberalismo oligárquico da Primeira República e a retomada da nação como unidade política elementar.

No caso de “A desordem: ensaio de interpretação do momento” de Virgílio Santa Rosa (1932), a análise cumpre as promessas do título: uma breve investigação sobre a história nacional atesta o acaso e a ausência de unidade de pensamento e ação como as marcas de nossa trajetória, desde a colonização lusitana até a república. Esta última etapa – simples reiteração contemporânea dos processos anteriores de mimese de modelos exógenos – apenas consolidou o fracionamento de nosso povo, a constituição de regionalismos e a desagregação das forças nacionais. No entanto, em Santa Rosa, a Revolução de Outubro é vista como um ponto de inflexão na formação do Brasil, tido como o “único movimento verdadeiramente nacional da história brasileira (...) pois partia de uma compreensão verdadeira dos problemas da nossa sociedade” (Cassimiro, 2018, p. 140).

Outros representantes do espírito de 30 acionados por Cassimiro sugerem motivos e temáticas bastantes semelhantes: “A gênese da desordem” de Alcino Sodré (1932) e “Brasil errado” de Martins de Almeida (1932) apresentam, ambos, o mesmo diagnóstico de um país fragmentado, dividido e desorganizado. Em Sodré, a inadequação entre instituições políticas importadas e aspectos particulares da cultura brasileira constitui o erro permanente de nossa organização social, cujo pecado é desconsiderar uma verdade nacional incontestável – nossas massas populares são politicamente despreparadas, e, por isto, necessitamos de um poder executivo robusto. Também para Martins de Almeida as dissonâncias entre as formas político-institucionais adotadas e as estruturas sociopsicológicas do país explicam, em grande medida, nossa desordem. Contra os precários formalismos jurídicos, sugere a conhecida volta à nação, a tomada de consciência diante deste “outro Brasil infinitamente mais interessante, Brasil mestiço, analfabeto (...) sem ciência própria, sem organização do trabalho, sem coesão social (...) sem consciência de si mesmo” (Almeida, 1932, p. 12).

Outras obras do período, para além daquelas elencadas por Cassimiro, poderiam ser exploradas para comprovar ainda mais a onipresença da tese da desordem entre os intelectuais de 30. Em “Machiavel e o Brasil”, por exemplo, Otávio de Faria (1933, p. 147) sugere que o acaso – tal qual em Santa Rosa – é a marca por excelência da história nacional, na medida em que o “acaso preside a realização de muitos [feitos] – a dúvida persegue quasi todos. Discute-se se a descoberta foi ou não obra do acaso. A colonização também ela é deixada ao Deus dará”. E a república, “grávida de todos os acasos possíveis”, unicamente “veio trazer o fermento da desunificação” (Faria, 1933, p. 150). E é Sérgio Buarque de Holanda, na célebre primeira edição de Raízes do Brasil, quem se refere com frequência à “nossa desordem” e “nossa anarquia” (1936 como citado em Waizbort, 2011, p. 45).

⁵ Aproximação não apenas intelectual, como também pessoal, tendo em vista que, ao chegar ao Rio de Janeiro em 1930, o jovem escritor baiano se aproximou bastante do círculo católico carioca, agregado em torno da Faculdade de Direito, do Centro de Estudos Jurídicos e Sociais (Caju) e da editora Schmidt (Sorá, 2001, p. 140).

Pode-se ir mais além e apontar outros casos. Everardo Backheuser em “Problemas do Brasil” (1933) sugere que a desintegração e a desorganização do país – a unidade nacional perdida – são o resultado de nossos regionalismos, dos impostos inter-regionais, da heterogeneidade jurídica e da desproporção populacional. E para se limitar apenas a títulos e subtítulos, basta lembrar que o capítulo inicial de “Introdução à realidade brasileira” de Afonso Arinos de Melo Franco (1933) recebe a significativa denominação de “Desorganização e desordem”, assim como rememorar obras como “Reorganização nacional” de Rodrigues Vale (1933) e “País a organizar” de Fidélis Reis (1931). Tem-se, então, um fragmento importante do estilo aqui explorado: a desordem como linguagem política, aparato teórico e diagnóstico político-social.

Evidentemente, o tema da desordem, como vários dos outros aqui apresentados, não é inaugurado na década de 1930, mas, na verdade, é disseminado durante este período como linguagem política amplamente compartilhada. Ora, se a geração de 30 é aquela com a qual Alberto Torres sonhou – como sugeriu certa vez Miguel Reale (Silos, 1940, p. 158) – basta voltar ao autor de “A Organização Nacional” para compreender os primeiros germes do *motif* da desordem brasileira.

Desse modo, em um dos passos deste clássico publicado em 1914, Torres (1938a, p. 212) aponta como

Organica e profundamente, nossas reformas não podem ter feito senão destruir os rudimentos de tendências sociais porventura incipientes, e acumular, sobre a desordem das velhas instituições, outros elementos de desordem. São disto prova os três grandes fatos da nossa história política: a Independência, a abolição da escravidão e a República.

Igualmente, em “O Problema Nacional Brasileiro”, também editado em 1914, sugere que

Nas finanças, na administração, na justiça, na ordem política, na moralidade administrativa, na instrução, o declínio é manifesto; e só se compreende que o contestem, justamente, porque o hábito da vida em desordem nos está varrendo dos espíritos os critérios, que formavam a base de nossa consciência social (Torres, 1938b, p. 37).

É possível até mesmo deslindar um pouco esta genealogia intelectual e estabelecer o elo entre os escritos de Alberto Torres dos anos de 1910 com a geração de 30 a partir de um intelectual importante do decênio de 20: Oliveira Viana. Neste autor é notável a presença da ideia de desorganização e desordem desde seu “Populações meridionais do Brasil” de 1920 até “O idealismo da constituição” de 1927. No prefácio do primeiro, indica que depois da “abolição do trabalho servil em 88, o nosso povo entra numa fase de desorganização profunda e geral, sem paralelo em toda a sua história. Todas as diretrizes da nossa evolução coletiva se acham, desde esta data, completamente quebradas e desviadas” (Viana, 2005, p. 56). No segundo, em linhas contra a descentralização federativa, lê-se como “ainda somos hoje, um país de circulação desorganizada e deficiente” (Viana, 1939, p. 286).

Alberto Torres, Oliveira Viana e os mais variados representantes do espírito de 30, eis uma breve ascendência teórica da ideia de desordem no pensamento político-social brasileiro. Inclusive, a chancela do ensaísta de Saquarema sobre Torres é notável no prefácio de “As ideias de Alberto Torres” de Alcides Gentil (1938) e confirma esta breve genealogia. Ali, Viana (1938, p. 9) indica como

Este livro é um livro oportuno. Chega no momento mesmo em que a desorientação dos espíritos está pedindo um pensamento diretor, uma palavra de ordem (...) todas as inteligências moças do presente – estão tendendo sensivelmente para ele [Alberto Torres], como atraídos para um centro de gravitação ideal.

Neste contexto, Torres e Viana, membros maduros de gerações anteriores, aparecem para muitos intelectuais de 1930 como exceções à nossa história intelectual, as poucas flores que brotaram em nosso árido solo e que podem oferecer alguns caminhos para a construção de uma consciência nacional autêntica. Como bem sugere Lúcia Lippi Oliveira (1980, p. 38), a “tônica da redescoberta de Alberto Torres se fixa na medida que este autor refuta o artificialismo e postula como lema o desvendamento da realidade nacional”. Para Maria Teresa Sadek (1978, p. 84), herda-se menos o modelo econômico do que a sensação de urgência política de Torres. De qualquer forma, seja pela redescoberta da nação, seja pelo senso de gravidade política, ambos os autores servem, inevitavelmente, como uma espécie de “interlocutores obrigatórios” aos portadores do espírito de 30.

Ainda é possível acrescentar outros fragmentos ao rico mosaico deste estilo de pensamento. Talvez menos como tema do que como “categoria de pensamento” – entendida aqui de maneira precária como uma grade ampla de compreensão do mundo – o “modelo dicotomizado de percepção política” é também uma peça fundamental do léxico político dos intelectuais de 1930. Segundo Wanderley Guilherme dos Santos (1970, p. 143), este modelo pode ser definido como uma “tendência para representar a vida social como a luta contínua entre dois agrupamentos de fenômenos conflitantes”.

Surgido nos embates políticos do *fin de siècle* brasileiro entre, de um lado, a industrialização do país, sua autonomização econômica, independência política e a soberania; de outro, a permanência da monocultura exportadora, a dependência e a colonização cultural, este estilo interpretativo segue a fórmula dos dois Brasis inaugurada por Euclides da Cunha⁶, que consiste em

descobrir uma dicotomia à qual possa ser racionalmente atribuída a origem de crises eventuais; traçar a formação da dicotomia no passado histórico nacional; propor a alternativa política para a redução da dicotomia. Tal é a estrutura básica que fundamenta alguns esforços intelectuais para apreender a sociedade brasileira, da época de Euclides até o momento em que se torna o paradigma indiscutível na década de trinta (Santos, 1970, pp. 150-151).

Assim, mesmo que o objetivo de Santos neste ensaio não seja, especificamente, reconstruir o contexto do pensamento político-social brasileiro da década de 1930, não deixa de oferecer uma valorosa contribuição para esta tarefa. A contradição entre instituições políticas e realidade nacional notada por Santa Rosa, entre consumo e capacidade produtiva em Martins de Almeida, sociedade feudal e sociedade moderna de acordo com Nestor Duarte, Brasil formal e Brasil real segundo Plínio Salgado – representantes por excelência daquele estilo – comprovam a fecundidade deste modelo dicotomizado de percepção política. Fecundidade esta que permitiu a Santos (1970, p. 156) realizar uma interessante observação sobre aquele cenário intelectual: “desejo pelo menos levantar a suspeita de que dificilmente existirá, entre as teorias contemporâneas, alguma boa hipótese sobre política no Brasil que não tenha sido desenvolvida durante a década de 30”.

Ainda, dando destaque para os intelectuais da reação católica – sobretudo agregados em torno do Centro Dom Vital e da revista “A ordem” –, Mônica Velloso (1978) oferece um contundente léxico político destes bonaldianos hipercorretos, para empregar aqui uma expressão cara a Guerreiros Ramos (1983, p. 535), que, naqueles fervorosos anos 30, era também um deles. Assim, a partir das páginas daquele periódico, Velloso identifica alguns temas, argumentos e tomadas de posição comuns àqueles autores que permitem adicionar mais elementos para o espírito da época.

⁶ Em “Da Independência à República”, publicado em 1900, Euclides da Cunha estabelece a distinção entre dois Brasis: um país urbano, litorâneo, objeto da ação governamental; e outro, formado pelas populações rurais, estagnado e longínquo dos interesses governamentais (Santos, 1970, p. 150).

Logo, diante da crise mundial e nacional, uma série de saídas frequentes são oferecidas por esta *jeunesse dorée*: recristianização do Brasil, construção de uma consciência nacional autêntica, retomada da liderança efetiva das elites, uso do passado como força viva do presente, defesa do ensino confessional católico em nível básico, recuperação de uma unidade religiosa perdida e a necessidade de uma revolução espiritual capaz de reconquistar a coesão do país. Soma-se a estes pontos comuns o combate aos conhecidos inimigos da Igreja: individualismo iluminista, niilismo moderno, secularismo, materialismo – liberal ou marxista – e subjetivismo (Velloso, 1978, pp. 157-158).

Pela “unidade da cosmovisão católica, contra o pluralismo leigo” (Velloso, 1978, p. 159), afins às tendências filosóficas internacionais, estes católicos buscavam desenvolver no Brasil a “reação espiritualista contra o naturalismo dominante do século XIX. Entre nós é certo que ainda encontramos muita gente que desconhece todo esse sentido moderno da philosophia e que ainda vive no positivismo” (Athayde, 1932, p. 245). Mais modernos que os herdeiros de Comte, Taine, Renan, Rui Barbosa e Tobias Barreto – resumidamente, os arcaicos bacharéis da República Velha – os membros do círculo católico almejaram incitar a elevada revolta do espírito contra a vulgaridade da matéria⁷. “Ah, que conteúdo tinha para nós essa palavra espírito”, lembraria Vinícius de Moraes.

Por fim, um último fragmento do estilo do pensamento político-social brasileiro da década de 1930: um persistente pessimismo diante da história e da nação, ocultado sob o manto do realismo. Aqui, avultase o pesar diante da formação colonial, da construção do povo brasileiro e de nossa modernidade. Os casos são muitos, de modo que bastam alguns para evidenciar a tendência. Por exemplo, Otávio de Faria (1933, p. 147) pranteia que “Toda a vida da colônia apresenta, com efeito, o mesmo característico: descuido, desleixo, um pouco caso sem limites”. É Paulo Prado (1981, pp. 135-136) quem lamenta como, no Brasil, “a luxúria e o desleixo social aproximaram e reuniram as raças”.

Assim, esta perspectiva negativa sobre o processo de constituição nacional – fundado na sordidez da matéria e na desorganização social – pode ser sintetizada nestas poucas linhas de Plínio Salgado (1933, p. 145):

Esse individualismo brasileiro, que dignificou o Homem, através do período bárbaro, que vem do Descobrimento à Independência, deveria, no correr do século XIX, até o presente, diminuir e amesquinhar as nossas populações, tornando-as, politicamente, um dos povos mais degradados do planeta. A phrase é dura, mas exprime uma realidade pungente, o grande drama de uma Patria.

No mesmo sentido, Afonso Arinos (1934, p. 17) sugere que o “Estado brasileiro ainda não encontrou a sua forma definitiva, peculiar (...) até hoje, o nosso Estado não conseguiu ainda ser uma expressão effectiva da nossa nação”. E, de acordo com Faria (1933, p. 142), o mesmo se aplica à nossa população, pois que “povo melhor do que o nosso póde dizer – o brasileiro não existe”? Seríamos, portanto, uma nação sem Estado e sem povo, historicamente desleixada e culturalmente desordenada.

Entretanto, qual o sentido de linhas tão amargas? Como explicar essa espécie quase paradoxal de um nacionalismo pessimista? Novamente, basta lançar um olhar para os antecedentes históricos e adversários daquela geração. De um lado, tinha-se o obstinado “traumatismo da Primeira Guerra” (Oliveira, 1982a, pp. 14-15), responsável pelo profundo senso de desilusão e desespero do Entreguerras. Conforme relato de Afonso Arinos (1934, p. 19), se tratava de uma “época dolorosa de crise, de miséria, de desemprego, de ameaças cínicas de guerra, nesta época de desabamento de todos os valores moraes e de todas as seguranças materiaes”. De fato, como manter-se otimista quando presente, passado e futuro parecem desumanizados e destituídos de sentido?

⁷ Ideia também largamente presente no integralismo de Plínio Salgado (Benzaquen, 1978, p. 173).

De outro, o espírito de 30 deveria enfrentar três matizes distintos da euforia otimista: em primeiro lugar, da persistente esperança liberal-republicana na razão e na democracia como saídas para a crise moderna, entrevistas como instituições ainda capazes de alçarem as sociedades ocidentais a um futuro iluminado; em segundo, a certeza teleológica da revolução marxista que, cedo ou tarde, instauraria o paraíso proletário de pão, paz e terra; em terceiro, o patriotismo ufanista da República Velha, que, na figura de Afonso Celso, vangloriava-se de nossas riquezas naturais, do vigor de nossa raça e do pacifismo brasileiro. Todos estes otimismoes, taxados de simples idealismos ingênuos, eram combatidos pelo gravíssimo senso de realidade dos representantes do estilo de 30.

Seu pessimismo seria, assim, apenas uma forma de realismo, o resultado da tão almejada e propagada volta à nação, ao Brasil real, profundo, desconhecido, miserável. É por esta razão que matizes melancólicos coloreem muitas das páginas daqueles autores, nos quais se percebe, ao mesmo tempo, certa alegria por finalmente conhecerem as raízes de seu país e tristeza pelas verdades amargas descobertas por suas reflexões.

Desse modo, pode-se melhor compreender o porquê de Martins de Almeida (1932, pp. 11-12) pedir aos céus “homens de espírito prático, com visão objetiva das coisas” e falar daquele verdadeiro Brasil, “torrado pelos sóis sertanejos, com aparelho circulatório deficientíssimo, com fraca capacidade de produção, sem profissionalismo técnico (...) com uma fachada vistosa de civilização calçada sobre precárias condições materiais”. Ou o sentido de Plínio Salgado (1933, p. 145) alertar constantemente que “não será possível erguer o povo brasileiro da situação em que se encontra, si não tivermos a coragem de encarar-o, tal qual ele se apresenta, na crise de uma lamentável enfermidade social”. E até mesmo os motivos pelos quais Otávio de Faria (1933, p. 144) se refere ao “Retrato do Brasil” de Paulo Prado como uma obra “admirável sobretudo pelas duras verdades que diz sem hesitar”.

Portanto, nota-se com frequência que a verdade sobre o Brasil exibida pelos intelectuais de 30 é amarga, dura, negativa, difícil de pronunciar, porque catastrófica. Contudo, se aquela era uma geração autodenominada realista, dotada de autêntica consciência nacional, que buscava influir diretamente sobre a realidade brasileira a partir de prognósticos adequados às nossas especificidades, tratava-se de uma tarefa incontornável. Em síntese, estava na ordem-do-dia encarar a nação sem mistificações, idealismos, para além do “porquemeufanismo nacional” (Almeida, 1932, p. 13). Restava, então, àqueles herdeiros de Alberto Torres apresentar à nação a vida como ela realmente era.

Considerações Finais

Após este breve percurso – fragmentário, é claro – sobre os temas comuns ao pensamento político-social brasileiro de 30, sobretudo aquele situado ideologicamente à direita, pode-se compreender melhor o sentido e a força sintética daquelas linhas de Vinícius de Moraes transcritas no início deste artigo. Ora, após a reconstrução dos temas caros à sua geração já é possível interpretar com maior comodidade aquele jovem poeta, estudante de Direito no início dos anos de 1930, frequentador do círculo católico, caloroso leitor de Nietzsche, portador do espírito, esperançoso diante do fascismo, um rapaz de direita, enfim.

Dessa forma, aquelas palavras podem ser lidas como expressões típicas de todo um estilo de pensamento, passíveis de serem pronunciadas por muitos outros intelectuais daquela geração, de Otávio de Faria até Plínio Salgado, passando por Virgínio Santa Rosa até um jovem Sérgio Buarque de Holanda. Todos, a despeito das inúmeras distinções entre si, profundamente antiliberais, anticomunistas até o fim, em batalha contra as ruínas legadas pela Primeira Grande Guerra e em oposição aos incontáveis erros da República Velha. Estes representantes do espírito de 30 almejavam, então, redescobrir as verdadeiras fundações do Brasil e construir uma autêntica consciência nacional.

Este foi justamente um dos motivos pelos quais a década de 1930 produziu aquela ampla quantidade de investigações sobre a formação sócio-histórica do Brasil, os conhecidos “ensaios de interpretação”, assim como elaborou múltiplas saídas normativas para a crise que todos experimentavam. Logo, naqueles fervorosos anos 30, certo senso de urgência e realismo parecia misturar-se a uma paixão incandescente pela vida política do país, fomentando incontáveis debates sobre os sentidos de seu passado, as razões do presente e os possíveis destinos de seu futuro.

Não por acaso, Antônio Cândido (1984, p. 33) indicou certa vez que, enquanto no começo do século XX um jovem intelectual brasileiro deveria iniciar sua carreira através de um livro de versos, na década de 1930 ele deveria fazê-lo por meio do “ensaio de cunho sociológico”. No mesmo sentido, Guerreiro Ramos (1955, p. 101) relata como a Revolução de outubro de 1930, “colocando de maneira dramática o problema da reorganização política do país, suscitou o aparecimento de numerosos livros sobre problemas nacionais. Até o ano de 1937, o interesse por esses temas é crescente”.

Assim, é neste clima histórico e cultural que os fragmentos temáticos aqui explorados compuseram o estilo de pensamento particular de 30. Para Lúcia Lippi de Oliveira (1980) se trata dos *motifs* da crise e do nacionalismo; da geração e da elite; do liberalismo e da democracia. Cassimiro (2018) adiciona a questão da desordem nacional como léxico amplamente compartilhado por aqueles intelectuais, ao passo que Wanderley Guilherme dos Santos (1970) atesta a onipresença do “modelo dicotomizado de percepção política”.

Já Mônica Velloso (1978), em análise sobre o círculo católico de 30, sublinha a recristianização do país, a recuperação de uma unidade religiosa perdida e a revolução espiritual como tomadas de posição comuns da época. Soma-se a isso o persistente pessimismo daqueles autores – oculto sob o manto do realismo político – e pode-se obter um mosaico relativamente amplo do denominado “estilo de pensamento de 30”.

Simultaneamente sociológico e político, científico e normativo, este estilo, formado por uma série de temas, ascendências intelectuais, argumentos, tomadas de posição e adversários em comum, forneceu verdadeiro “vocabulário normativo” para conservadores, reacionários, integralistas, fascistas e católicos estabelecerem questões a serem socialmente identificadas e discutidas em seu urgente presente histórico. Portanto, apesar das importantíssimas distinções entre os representantes deste “espírito”, noções como crise, geração, consciência nacional, desordem, Brasil real/Brasil legal, revolução espiritual, realismo e pessimismo compuseram parte significativa do cotidiano intelectual de toda aquela geração.

Bibliografia

- Almeida, Martins de (1932). *O Brasil errado*. Rio de Janeiro: Schmidt.
- Amado, Gilberto (1979). *Perfis parlamentares*. Brasília: Editora Câmara dos Deputados.
- Athayde, Tristão de (1932). *Política*. Rio de Janeiro: Livraria Catholica.
- Backeuser, Everardo (1933). *Problemas do Brasil*. Rio de Janeiro: Omnia.
- Bandeira, Manuel (2001). *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Benzaquen, Ricardo (1978). As classificações de Plínio: uma análise do pensamento de Plínio Salgado entre 1932 e 1938. *Revista de Ciência Política*, Rio de Janeiro, vol. 21, núm. 3, pp. 161-180, jul./set. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rcp/article/view/59840/58164>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- Botelho, André (2010). Passado e futuro das interpretações do país. *Tempo social*, São Paulo, vol. 22, núm. 1, pp. 47-66. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/DncjSPwzgGCfc8tPjmkpb3m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2023.

- Brandão, Gildo Marçal (2005). Linhagens do pensamento político brasileiro. *DADOS*, Rio de Janeiro, vol. 48, núm. 2, pp. 231-269. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/DPMQDggPd76RKFzCHgTM64S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- Cândido, Antônio (1984). A Revolução de 1930 e a cultura. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, vol. 2, núm. 4, pp. 27-36, abr. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4332357/mod_resource/content/1/ANTONIOCANDIDO_Revolucao30eaCultura.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023.
- _____ (1981). O papel do Brasil na nova narrativa. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, vol. 7, núm. 14, pp. 103-117. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4530026>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- Carone, Edgard (1973). *A Segunda República*. São Paulo: DIFEL.
- Cassimiro, Paulo Henrique (2018). A Revolução conservadora no Brasil. Nacionalismo, Autoritarismo e Fascismo no pensamento político brasileiro dos anos 30. *Revista Política Hoje*, vol. 27, pp. 138-161. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/politica hoje/article/view/231710/29097>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- Faria, Otávio de (1933). *Machiavel e o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Franco, Afonso Arinos de Melo (1933). *Introdução à realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Schmidt.
- _____ (1934). *Preparação ao nacionalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gumbrecht, Hans Ulrich (2013). *After 1945: latency as origin of the present*. Stanford: Stanford University Press.
- Lafetá, João Luiz (2000). *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Editora 34.
- Lima, Alceu Amoroso (1969). *Adeus à disponibilidade e outros adeuses*. Rio de Janeiro: Agir.
- Mannheim, Karl (1986). O pensamento conservador. In: Martins, José (Org.). *Introdução crítica à Sociologia rural*. São Paulo: Hucitec. pp. 77-131.
- Mata, Sérgio da (2016). Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em Raízes do Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 36, núm. 73, pp. 63-87. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/tYGGjRBkSjkB4KZ9ksVV6mM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- Moraes, Vinícius de (2009). *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Oliveira, Lúcia Lippi (1980). Introdução. In: Oliveira, Lúcia Lippi; Gomes, Eduardo; Whately, Maria (Org.). *Elite intelectual e debate político nos anos 30*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. pp. 33-59.
- _____ (1982a). Introdução. In: Oliveira, Lúcia Lippi; Velloso, Mônica; Gomes, Ângela Maria Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 14-30.
- _____ (1982b). O romance e o pensamento político nos anos 30. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, vol. 13, núm. 1, pp. 147-163, 1982b. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/43089/162075>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- Prado, Paulo (1981). *Retrato do Brasil*. São Paulo: IBRASA.
- Ramos, Alberto Guerreiro (1955). A ideologia da “Jeunesse Dorée”. *Caderno do Nosso Tempo*, núm. 4, pp. 101-112, abr./ago.
- _____ (1983). A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980. In: *A revolução de 30: seminário*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 527-548.
- Reis, Fidélis (1931). *País a organizar*. Rio de Janeiro: Coelho Branco.
- Sadek, Maria Tereza (1978). *Machiavel, Machiavéis: a tragédia octaviana*. São Paulo: Símbolo.

- Salgado, Plínio (1981). *O esperado*. São Paulo: Voz do Oeste.
- _____ (1933). *Psicologia da revolução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Santa Rosa, Virginio (1932). *A desordem: ensaio de interpretação do momento*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor.
- Santos, Wanderley Guilherme dos (1970). Raízes da Imaginação Política Brasileira. *DADOS*, núm. 7, pp. 137-161.
- Shorten, Richard (2022). *The ideology of political reactionaries*. New York: Routledge.
- Silos, Geraldo (1940). Meia hora com Miguel Reale. Silveira, Tasso (Dir.). *Cadernos da Hora Presente*. São Paulo/Rio de Janeiro/Belo Horizonte, jun.
- Skinner, Quentin (1999). *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sodré, Alcindo (1932). *A gênese da desordem*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor.
- Sorá, Gustavo (2001). Livraria Schmidt: literatura e política. Gênese de uma oposição elementar na cultura brasileira. *Novos Estudos*, núm. 61, pp. 131-146, nov. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12475277/livraria-schmidt-literatura-e-politica-revista-novos-estudos>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- Torres, Alberto (1938a). *A Organização Nacional*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.
- _____ (1938b). *O Problema Nacional Brasileiro*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.
- Trindade, Helgio (1974). *Integralismo. O Fascismo Brasileiro na década de 30*. Rio de Janeiro, DIFEL.
- Vale, J. Rodrigues (1933). *Reorganização nacional*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- Velloso, Mônica (1978). A ordem: uma revista de doutrina, política e cultura católica. *Revista de Ciência Política*, Rio de Janeiro, vol. 21, núm. 3, pp. 117-160, jul./set. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rcp/article/view/59839/58163>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- Viana, Oliveira (1938). À guiza de prefácio. In: Gentil, Alcides. *As idéas de Alberto Torres*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.
- _____ (1939). *O idealismo da Constituição*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.
- _____ (2005). *Populações meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal.
- Waizbort, Leopoldo (2011). O mal-entendido da democracia. Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, 1936. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26, núm. 76, pp. 39-62, jun. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/7PSTjpHyVFPXrqgP65ky5CP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2023.